

A VIOLÊNCIA SURGIDA NO SEIO DA CRIAÇÃO E A NECESSÁRIA RECRIAÇÃO (GN 6,5–9,17)

Rita Maria Gomes

Resumo

A realidade da violência crescente e seu viés religioso exigem reflexão dentro das próprias religiões. Assim, este artigo tem por objetivo refletir a violência a partir do relato do dilúvio, uma vez que o texto bíblico justifica o cataclismo em razão da violência crescente no seio da criação. Por ter um caráter exegético-hermenêutico a reflexão começa por situar o texto bíblico em seu contexto e considerar a história do próprio texto. Num segundo momento, analisa-se narrativamente o texto canônico, buscando um eixo principal apesar de seu caráter compósito, para em seguida considerar a mensagem e sua atualidade.

Palavras-chave: Criação. Descrição. Dilúvio. Violência. Religião.

Abstract

The reality of growing violence and its religious bias require reflection within even religions. Thus, this article aims to reflect violence from the account of the deluge since the biblical text justifies the cataclysm due to the increasing violence in the bosom of creation. By having an exegetical-hermeneutic character, the reflection begins by situating the biblical text in its context and considering the history of the text itself. In a second moment, the canonical text is narratively analyzed looking for a main axis, in spite of its composite character; to next consider the message and its actuality.

Keywords: Creation. Decreation. Deluge. Violence. Religion.

Introdução

A violência é um tema costumeiro nos nossos telejornais e nas “rodas de conversas” cotidianas. Quase sempre o tema é abordado do ponto de vista do combate e da repressão. A iniciativa é válida e necessária, no entanto, os meios

para tal combate costumam também eles ser violentos, fazendo girar o círculo de modo vicioso.

A situação fica ainda mais complexa, e deixa-nos perplexos, quando na base de ações de extrema violência encontram-se pressupostos religiosos. Muitos grupos responsáveis por ataques mortíferos em grande escala o fazem movidos por suas crenças. A junção violência-convicção religiosa tem sentido?

A psicanálise pode colaborar com a busca de compreensão do fenômeno da violência cotidiana. O discurso psicanalítico de vertente freudiana compreende a violência como consequência de uma pulsão humana que, como tal, não é boa nem má: a agressividade¹. A violência enquanto fenômeno seria uma comunicação dessa pulsão. A violência aparece assim como um sintoma de que “algo não vai bem na ordem instituída pela civilização, no caso atual ordenada pelo sistema capitalista e seu mais gozar”².

Se compreendermos a violência que presenciamos, realizamos ou somos vítimas como um modo de comunicar uma insatisfação com nossa vida em sociedade, deveremos necessariamente perceber duas coisas: não estamos dando a devida atenção à ordenação de nossas pulsões e, ao mesmo tempo, não organizamos nossa sociedade de forma a gerar a satisfação das necessidades dos seres humanos. A questão parece ser assim restrita ao âmbito do humano e de suas organizações.

No entanto, a violência constatada em grupos de orientação religiosa tende a ultrapassar o âmbito do humano, chegando a Deus, ou aos deuses. Como cristãos que somos, diante dessa constatação, nos perguntamos: o texto bíblico nos diz algo sobre a violência? Ele nos aponta pistas para nos compreendermos e sermos seres que não reforcem os círculos de violência? Nossa fé nos ajuda a quebrar esse círculo ou o fortalece por uma visão estreita das narrativas bíblicas? Buscamos as respostas a essas questões no relato bíblico do dilúvio de Gn 6,5–9,17.

1 O texto

1.1 Onde começa e onde termina o relato do dilúvio?

Delimitar o texto do dilúvio não é tarefa fácil, pois o motivo do dilúvio é inseparável da *toledot*³ de Noé. Assim, surge a questão: para estudar a história de Noé e, portanto, o dilúvio, devemos considerar a primeira referência

1. FERRARI, Ilka Franco. Agressividade e violência. *Psicologia clinica*, v. 18, n. 2, 2006, p. 51.

2. *Ibid.*, p. 53.

3. O termo *toledot* é o plural de *toledah* que significa primeiramente descendência, ou família. Figurativamente indica a história ou a geração de uma pessoa.

lexical à personagem Noé ou devemos começar pela indicação do termo *toledot* (LXX *genéseis*), recorrente em Gênesis para indicar uma nova fase ou personagem a ser apresentada?

Se partirmos da primeira referência a Noé o estudo deverá iniciar em 5,28. Mas isso não faz muito sentido porque estaríamos com um texto mais longo e sem nenhuma informação relevante para a seção do dilúvio.

No entanto, iniciar em 6,5 também levanta questões. O que chamamos relato do dilúvio é, na verdade, duas versões dessa história, contadas a partir de perspectivas diferentes. Decorre daí a dificuldade de abordagem desse texto. Em 6,5 inicia-se o primeiro relato; em 6,11 inicia o segundo relato. O restante do texto é uma mescla dos dois. Em 8,22 se conclui o primeiro relato e o segundo em 9,17.

Há ainda a possibilidade de iniciar em 6,1 e considerar 6,1-8 como um prólogo ao relato do dilúvio, como faz Wénin. A esquematização do autor é bem sugestiva para uma compreensão maior das gerações apresentadas em Gn 1,2–12,4. A inclusão dos quatro primeiros versículos tem a vantagem de revelar também como violência o fato de que os filhos de Deus tomam as filhas dos homens que lhes agradam.

Para Wénin, os filhos de Deus tomam dos homens as companheiras que lhes foram destinadas segundo a criação, reproduzindo assim o ato do casal humano que tomam do fruto da árvore e comem e com isso introduzem a desordem na criação⁴.

Nesse sentido, poderíamos perfeitamente iniciar nosso estudo no mesmo marco de Wénin; no entanto, consideramos que a desordem e a violência são temas explícitos a partir de 6,5 e, por isso, optamos por considerar o tema do dilúvio, e conseqüentemente o da história de Noé, a partir de 6,5 e concluirmos em 9,17.

Essa delimitação se justifica também pela análise do vocabulário. Em 6,5 encontramos a expressão “e disse Deus” e o nome “Noé” em 6,8. Em 9,8-17 encontramos na mesma frase o nome de Noé e a expressão: *kai 'eipen ho Theòs tō Nōé* (e disse Deus a Noé).

O acordo lexical continua e encontramos também as expressões *'epì tēs gēs* (sobre a terra), em 6,5-8, duas vezes, e em 9,8-17, três vezes. Há ainda uma pequena variação, sem a preposição e isso aumenta o número de ocorrências. Com algumas diferenças essas expressões aparecem no texto inteiro, permitindo assim um desenvolvimento da narrativa.

4. WÉNIN, André. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano: leitura de Gênesis 1,1–12,4*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 173.

1.2 O relato do dilúvio: um texto com uma pré-história

Uma vez justificada nossa delimitação do texto passamos à consideração de seu conjunto. O relato do dilúvio é, na verdade, uma compilação das duas versões da narrativa. Uma primeira versão se apresenta como história didática. Essa versão do relato, muito mais curta e mais vivaz, está orientada para um sacrifício que é aceito por Deus.

A outra versão se apresenta como uma releitura litúrgica do primeiro relato e caracteriza-se por uma maior elaboração textual, dando muita atenção à construção da arca e à aliança que Deus fez com Noé.

No entanto, isso não é tudo. Uma leitura comparativa do texto bíblico com a versão babilônica da *Epopéia de Gilgâmesh*⁵ e com o mito de *Atrahasis* revelam a existência de uma reflexão forte no mundo antigo a respeito da condição humana, de sua origem e destino⁶.

Esses dois textos, entre outros temas, constam de um relato com muitos pontos de contato com nosso testemunho bíblico do dilúvio. A proximidade dos textos é muito forte para não reconhecer uma relação entre eles que revelam ao menos a mentalidade comum ao ambiente antigo. Essa relação textual mostra uma compreensão do mundo e dos homens do antigo oriente e, igualmente, como as inquietudes pelas vicissitudes da condição humana eram refletidas.

Esses relatos tiram qualquer possibilidade de uma leitura fundamentalista da narrativa bíblica do dilúvio e permitem ver a releitura judaica desses relatos anteriores. O que o texto bíblico muda em relação a esses mitos?

No mito de *Atrahasis* a decisão divina de destruir os homens, criados para realizar o trabalho dos deuses menores, é motivada pelo incômodo que causa a Enlil: “o barulho dos homens o impede de dormir”. Nesse mito, Enlil decide destruir uma parte da humanidade, acreditando que assim resolveria seu problema. Ele tenta por três vezes, sem sucesso. Na primeira tentativa, envia uma peste e, nas duas subsequentes, causa uma estiagem intencionando eliminar os homens pela fome. Ele fracassa nas três tentativas porque Enki orienta *Atrahasis* de modo que este agrada as divindades correspondentes, Namtar a deusa da peste e Adad o deus das chuvas. Após cada tentativa os homens aumentavam em número e a situação continuava como anteriormente.

5. O texto utilizado aqui é o padrão da versão babilônica de GEORGE, Andrew. *The Babylonian Gilgamesh Epic: introduction, critical edition and cuneiform texts*. Vol. I. Nova York: Oxford, 2003.

6. O texto de *Atrahasis* é uma grande reflexão sobre a origem do homem e seu destino. Ele vai da criação do homem ao dilúvio. E a cópia mais antiga desse texto foi datada e assinada. Começa com a frase “Quando os deuses fazem o homem”. BOTTÉRO, Jean & KRAMER, Samuel Noah. *Lorsque les dieux faisaient l'homme: mythologie mésopotamienne*. Paris: Gallimard, 1989, p. 527-563.

Por fim, Enlil decide destruir toda a humanidade com o dilúvio. Não mais a ausência da água, mas seu excesso será o responsável pelo extermínio do humano. Também aí Enki vem em socorro de Atrahasis e, através de um sonho, orienta-o a destruir sua casa e construir um barco. Enki guia ainda a construção do barco e diz quem deverá entrar nele: os animais e a família de Atrahasis.

Por sua vez, a versão ninivita do dilúvio na *Epopéia de Gilgámesh* retoma claramente o relato de Atrahasis, mas o seu contexto é outro. A questão principal da epopeia é a busca pela imortalidade empreendida por seu herói. Gilgámesh procura saber como o casal que sobreviveu ao dilúvio adquiriu a imortalidade. Na versão babilônia de Atrahasis, eles não conseguem a imortalidade, antes a mortalidade é assegurada ao final do relato. Ambos os mitos têm pontos de contato com o relato bíblico do dilúvio e a apresentação detalhada da leitura comparada deixaria isso muito claro, mas não é nossa intenção.

Para nosso propósito aqui o mito de *Atrahasis* parece mais adequado porque ele apresenta a decisão de um deus de destruir o humano criado e a motivação para tal. Do mesmo modo, o texto bíblico traz a decisão do Senhor de destruir sua criação e a motivação para isso. No mito, o homem, que já tinha sua origem devida a um capricho dos deuses, tem seu destino também selado por um capricho de um deus.

O relato bíblico, claramente, muda a concepção da origem e do destino do homem. Sua origem deve-se ao desejo divino de criar alguém livre para estar diante de si, com quem pudesse dialogar⁷. Sua destruição é justificada por sua maldade crescente, pela degradação que se instala na criação por sua ação. Tanto no mito quanto no texto bíblico há um personagem que ganha o favor da divindade e torna-se responsável pela construção de um “barco”.

Todos os pontos de contato entre o texto bíblico e os mitos antigos apontam para uma reflexão que abrange todos os homens de todas as épocas e versam sobre as questões fundamentais da existência humana: de onde viemos, quem somos e para onde vamos. O destino humano é o assunto desses textos. Eles são expressões, ou respostas dos homens a essas questões existenciais. Como respostas ainda são muito próximas na forma, mas já apresentam mudanças essenciais na compreensão que o homem tem de si e de seu destino. O texto bíblico é um estágio posterior dessa reflexão e as mudanças operadas são muito significativas.

Eles revelam uma nova compreensão de Deus e de sua ação, uma vez que supõem a experiência do exílio e aparecem como uma forma de esperança a motivar e fortalecer os exilados, apontando para a possibilidade de um recomeço. É com a convicção de que esses textos são uma reflexão teológica da própria existência humana que nos aproximamos do relato do dilúvio com um novo método.

7. MINETTE DE TILLESSE, C. Hino da Criação. *Revista Bíblica Brasileira*, v. 1, n. 1, 1984, p. 26.

1.3 Tentaremos uma nova abordagem de Gn 6,5–9,17

Esse não é um texto fácil de ser abordado em sua integralidade por causa de seu caráter misto, mas o fazemos pelo simples fato de que a tradição bíblica nos legou o texto desse modo.

Escolhemos utilizar o método narrativo para análise desse longo trecho mesmo se intuimos que fazer uma leitura narrativa do conjunto nos obriga antes colocar esse método dentro da retórica, pois a narrativa é um tipo de retórica⁸. Com isso, entendemos a narrativa como um modo de discurso não argumentativo, o que não significa que tenha menos intenção de convencer que qualquer outro discurso argumentativo.

Nesse texto ampliado, buscamos uma intencionalidade que não remonte aos autores das duas vertentes, mas ao texto em seu “discurso” final. Mesmo sabendo dos limites que o método narrativo necessariamente encontra diante de um texto compósito como esse, o utilizaremos da melhor forma possível.

Por isso, nos perguntamos o que esse relato, que nos foi assim legado pela tradição, revela da intenção divina para com a humanidade. É possível uma estrutura do texto que permita sobressair uma mensagem clara de Gn 6,5–9,17?

2. A análise de Gn 6,5–9,17

Do ponto de vista da análise narrativa apresentamos uma esquematização que não é isenta de limites devido ao caráter misto do texto, mas ainda assim pode nos levar a uma percepção de alguns aspectos importantes da narrativa.

Situação inicial (exposição) – O Senhor está decidido a destruir sua criação e justifica essa decisão (Gn 6,5-8).

Desenvolvimento – Deus anuncia a decisão de destruir e ordena a construção da arca e a entrada na arca (Gn 6,9–7,10).

Ação transformadora – o dilúvio (Gn 7,11-24).

Desfecho – vazão progressiva da água e conseqüente saída da arca e a promessa de não mais destruir (Gn 8,1–9,7).

Situação final – Deus promete nunca mais destruir a terra e instaura um sinal (9,8-17).

Essa organização do texto nos dá uma primeira percepção do desenvolvimento do texto que demonstra uma narrativa versada sobre o conhecimento da situação da criação por parte de seu criador e seu desejo de mudar tal situação.

8. Mais sobre a relação entre a Narrativa e a Retórica ver POZUELO YVANCOS, José María. Retórica y narrativa: la narratio. *EPOS: Revista de Filología*, n. 2, 1986, p. 231-252.

Exposição (Gn 6,5-8): a constatação da deterioração da criação. O trecho nos apresenta a percepção de Deus em relação à sua criação. Sua avaliação visa sobretudo o humano. O texto é marcado por verbos ligados a Deus: viu, arrependeu-se, afligiu-se, disse e eliminar. Assim, o Senhor viu a maldade do homem que se multiplicava sobre a terra; como consequência o Senhor se arrependeu de ter feito o humano sobre a terra e afligiu-se com isso. Por fim, o Senhor disse: eliminarei o humano que criei da face da terra.

Se toda a reflexão anterior de Deus visava o humano por sua desordem e maldade, a consequência abrange o resto da criação. Aqui encontramos um indício do vínculo de solidariedade que une o humano com toda a criação.

O v. 8 parece que difere do resto, mas é só aparência. Diante da maldade humana que se multiplicou sobre a terra há uma exceção, Noé. Este encontrou graça aos olhos de Deus. De agora em diante, as principais personagens dessa longa narrativa são Deus e Noé. São suas ações que marcam o movimento da narrativa.

Desenvolvimento (6,9-7,10): comunicação da decisão divina e preparativos. A partir de agora a narrativa ganha movimento. Primeiro se apresenta a família de Noé que juntamente com ele participa da graça divina. Novamente o texto faz menção ao fato de que Deus viu a condição em que se encontrava a criação. A diferença é que agora Deus não diz para si mesmo que vai eliminar a criação e sim a Noé. Deus o informa a razão de sua decisão “para mim chegou o fim de toda carne! Pois, por causa dos homens, a terra está repleta de violência e vou destruí-los junto com a terra” (Gn 6,13). No entanto, o Senhor ainda não disse como o fará.

Após informar a Noé de sua decisão o Senhor o ordena a construção de uma arca. As instruções dadas para a construção da arca não são esperadas para dar forma a uma embarcação, nem atuais nem da época. Ela revela antes a aproximação com os templos mesopotâmicos. Após as instruções práticas para a construção Deus revela como pretende eliminar a criação: “quanto a mim, farei vir o dilúvio”.

O v. 18 traz a declaração de Deus que fará uma aliança com Noé, seguida da informação de quem entrará na arca com ele. Primeiro os filhos e a mulher e as mulheres dos filhos e depois casais de tudo que tem vida, ou seja, os animais para conservarem a vida.

Em Gn 7,1-10 temos a retomada da ordem de entrar na arca com a família e os animais, além de indicações temporais sobre a data do dilúvio em relação com a idade de Noé. A principal diferença aqui é o número de casais dos animais, sete dos animais puros e um dos impuros.

Ação transformadora (Gn 7,11-24): o dilúvio. Esses versículos mostram o dilúvio de modo gradual. As águas vão crescendo, crescendo, crescendo até cobrir as montanhas mais altas, tornando impossível a vida sobre a terra. O v. 12

informa que choveu durante quarenta dias e quarenta noites. Todo sopro de vida, que não se encontrava com Noé na arca, pereceu. O v. 24 encerra informando que a enchente durou cento e cinquenta dias.

Em cinco meses a criação passou à condição de caos. Esse trecho é iluminado pelo poema da criação. A obra da criação é, na verdade, uma organização do caos inicial. Deus separa as águas das águas fazendo aparecer o firmamento. Em seguida, Deus reuniu as águas de baixo fazendo aparecer a terra. Ora, ao fazer as águas tomarem toda a superfície da terra e perecer todo ser vivente que estava em relação vital com ela, vemos o processo inverso ao da criação. No entanto, a história continua porque Noé encontrara graça aos olhos de Deus.

Desfecho (8,1–9,7): a vazão das águas. As águas agora seguirão o processo inverso e gradualmente irão baixar. Isso acontece porque Deus “lembrou-se” de Noé e das feras e animais domésticos que estavam com ele na arca.

Com a inundação apenas havia a indicação de que as águas subiam e até onde chegavam. Na vazão das águas há mais detalhes. O texto informa que Deus fez passar um vento sobre a terra e esse é o responsável pelo movimento de baixa das águas. Em seguida, diz que “fecharam-se as fontes do abismo e as comportas do céu”. Há dois eventos que possibilitam o fim da enchente: o cessar a chuva e o vento que passa.

Depois de quarenta dias que as águas tinham começado a baixar Noé solta um corvo como meio de verificar o nível da água sobre a terra. O corvo volta. Em seguida solta uma pomba, o mesmo ocorre com a pomba. Então, Noé espera mais sete dias e solta novamente a pomba que volta apenas ao entardecer trazendo um ramo novo de oliveira.

Com isso Noé ficou sabendo que as águas tinham secado em algum lugar da terra e a vida já recomeçava a brotar. Noé espera mais sete dias e solta novamente a pomba que não volta mais. Com esse sinal Noé retira a cobertura da arca e olha e constata que a superfície da terra estava seca. O dilúvio teve fim.

No entanto, essa constatação não é suficiente para que Noé tome a iniciativa de sair da arca. E o v. 15 abre solenemente: “E disse o Senhor Deus a Noé falando”. O v. 16 descreve a indicação de todos que entraram (Gn 7,13) na arca e que agora devem sair.

Gn 8,20-22 informa que Noé construiu um altar e fez um sacrifício. Tomou dos animais puros e de todas as aves puras e fez um holocausto. O Senhor aceita com agrado o holocausto e decide nunca mais retirar sua bênção⁹ da terra por causa do homem. Essa promessa é descrita pelo ritmo natural: semeadura e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite.

9. Amaldiçoar é no fundo retirar o olhar benevolente sobre algo.

E Deus abençoou a Noé e seus filhos e diz-lhes para “crescer e multiplicar”. Era necessário repovoar a terra. A Noé e sua família cabia a recriação do homem a partir de uma “boa semente”. Aos animais não é dito o mesmo porque por natureza seguiam o ritmo da vida de procriação.

A nova criação terá padrões novos de convivência e o texto nos informa sobre os novos hábitos alimentares. “Tudo que se move e possui a vida vos servirá de alimento”. No entanto, é interdito o comer a carne com seu sangue. O texto traz, literalmente: “contudo, carne em sangue da vida não comereis”. A interdição de comer a carne com o sangue é estendida também aos animais.

A vida de homens e animais pertence a Deus e todos, homens e animais, terão que prestar contas a Deus da vida do outro. A resposta-pergunta de Caim a Deus “sou por acaso guarda do meu irmão”? ilumina esse texto. Caim não queria ser responsável pelo irmão. Aqui o Senhor diz que todos são responsáveis uns pelos outros.

Gn 9,7 retoma a orientação inicial “sede fecundos, multiplicai-vos, povoai a terra”, e acrescenta algo importante: “multiplicai-vos nela”. Essa última instrução tem causado alguns problemas, pois boa parte das bíblias traduz a raiz verbal *rbb*, o grego *plēthynō*, como “dominai-a” (*rdh*, cf. Gn 1,28). Tanto a LXX quanto o TM trazem verbos que não justificam essa tradução, pois são os mesmos utilizados no início dos versículos e que todos traduzem sem sombra de dúvida por “multiplicar”.

Situação final (9,8-17): Deus faz aliança com sua criação. E novamente temos a frase característica “E Deus falou a Noé” com o acréscimo aqui “e a seus filhos”. Até o final desses versículos a frase vai aparecer ainda duas vezes: uma no v. 12 e a última no v. 17. Todas referem-se à aliança, sendo as duas últimas relacionadas ao sinal da aliança.

Deus estabelece sua aliança com a família de Noé e com todos os animais que se encontravam com ele na arca. E repete: “*Estabeleço minha aliança convosco: tudo o que existe não será mais destruído pelas águas do dilúvio; não haverá mais dilúvio sobre a terra*” (Gn 9,11).

Mas Deus não estabelece apenas a aliança, estabelece ainda um sinal da aliança instituída: o arco-íris. Será ele o responsável por fazer Deus lembrar da aliança que fez com os seres vivos. A indicação do sinal também começa com “e Deus disse a Noé”. Por fim, “*Deus disse a Noé: este é o sinal da aliança que estabeleço entre mim e toda carne que existe sobre a terra*”.

3. O texto fala de Deus e de sua ação

Esse longo trecho da história de Noé, ou do dilúvio, porque um não existe sem o outro nessa narrativa, traz apenas duas personagens: Deus e Noé. A personagem principal é Deus e Noé o coadjuvante com quem Deus fala. Os filhos de Noé e as esposas, bem como os animais, são meros figurantes.

Mesmo Noé, sobre quem o texto diz “eis a história de Noé”, não tem uma única fala. Ele é aquele a quem Deus fala, ordena e ele executa. Apenas a verificação da vazão das águas e o holocausto não são ações executadas sob ordem divina.

O tempo nessa narrativa não é fácil de identificar. Em vários momentos se dá indicações precisas quanto a dia, mês e ano. No entanto, nenhuma delas aponta para um tempo na linha da história universal. O parâmetro do tempo é a vida de Noé.

O quadro que emoldura a narrativa é o da corrupção da criação pela violência do homem. Novamente somos levados a pensar no poema da criação porque lá diante de cada coisa criada segue-se o refrão “e Deus viu que era bom”. Ao criar o ser humano “Deus viu que era muito bom”. No relato do dilúvio há a constatação da parte de Deus de que o humano que Ele criara se perverteu e os desígnios de seu coração são maus (Gn 6,5).

Porém, a existência de Noé “salva” a criação inteira e permite uma recriação com a ajuda do próprio ser humano. Ora, se o arrependimento de Deus de tê-los criado fosse por uma “falha” na constituição mesma do humano não haveria nenhuma chance de recriação a partir do humano como Deus assim o quis. A criação continua sendo boa, e muito boa. Por isso Santo Agostinho pode dizer “Deus que te criou sem ti, não te salvará sem ti”¹⁰.

Outro ponto importante desse texto é a solidariedade entre todos os seres criados. É a maldade do coração do homem que leva à decisão divina de eliminar “toda a criação”. Isso significa que as ações de homens e animais afetam toda a criação, pois todos eles têm uma origem comum e de alguma forma estão ligados com a terra.

Ora, “terra” é o termo que mais se repete nesse trecho. Contamos cinquenta e quatro ocorrências do termo “terra” contra vinte e quatro do termo “água”. O dilúvio é o κατακλυσμός ὕδατος, ou seja, uma catástrofe de água. Ainda que o relato seja sobre o dilúvio, a terra, lugar que torna possível a existência da vida, é o mais importante. É dela que provém o humano e a relação que se estabelece entre o humano e a terra não se extingue pela água.

O elemento da água não deve ser tomado como negativo em si mesmo, pois sem ela também a vida não é possível. Ele só é destruidor quando fora de controle. Especificamente nesse relato a água tem papel purificador e possibilita um novo recomeço, uma nova reorganização das coisas, uma nova criação.

4. O texto nos fala hoje

Tomemos como ponto de referência nesse texto o tema da aliança. A aliança foi prometida no momento mesmo em que Deus comunica a Noé sua decisão de destruir a obra de suas mãos (Gn 6,17-18).

10. AGOSTINHO. Sermão 169,11.13.

Nesses versículos Deus diz que fará uma aliança com Noé. No entanto, em Gn 9,8-9, Deus estabelece a aliança com “Noé, seus filhos e os descendentes destes e com todos os seres vivos que estão convosco: aves, animais, todas as feras”. Enfim, Deus estabelece a aliança com toda a criação e não apenas com o ser humano a partir de Noé.

Esse texto é iluminador para a questão atualíssima da ecologia. Não sem razão o Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si'* nos convida a cuidarmos da casa comum, a nossa mãe terra, que ele, por vezes, chama “irmã”. Ele diz:

Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. [...] Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2,7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos (*LS*, § 2).

Nesse trecho que praticamente inicia a *LS* o Papa Francisco retoma claramente a ideia presente no texto bíblico que nos coloca em solidariedade com o resto da criação, mas de modo todo especial com a terra, nossa origem.

A aliança que Deus fez com toda a criação nos dá a garantia de que as águas do dilúvio não mais destruiriam a vida no planeta, mas isso não nos dá “passe livre” para destruímos nossa casa comum por outros meios. Essa aliança nos torna responsáveis por tudo que de bom e ruim acontece com ela. Sobretudo, essa aliança nos torna responsáveis pelo cuidado da criação.

Não podemos, nem devemos esquecer que toda aliança exige uma contrapartida. Quando Deus estabeleceu essa primeira aliança com a criação inteira não impôs nenhuma condição. E não o fez porque não era necessário. Não deveria ser necessário dizer para alguém não se destruir e destruir a criação é destruir-se. Como também não faz sentido nos destruímos em nome do mesmo Deus que nos criou e nos recria.

Hoje necessitamos de leis de proteção para animais, terra, pessoas etc. Estamos novamente entrando na espiral de destruição e violência que só pode nos levar à destruição. O relato bíblico do dilúvio é um alerta para todos nós.

O discurso eclesial sobre o cuidado com nossa casa comum não parou na *LS*. A campanha da fraternidade de 2017, com o tema Biomas brasileiros, também alertava para a urgente necessidade de cuidado e preservação de nossa casa.

A violência que fazemos às outras esferas da criação repercute nas relações humanas também elas deterioradas. Onde e quando a(s) divindade(s) nos autorizam ou nos pedem que destruamos nosso semelhante e nossos parceiros na grande obra da criação em seu nome? Nos mitos antigos as “guerras” ou animosidades eram dos deuses e os humanos pagavam o preço dessas disputas, mas em nenhum

texto sagrado que trata da origem e destino do homem há orientações ou normas que sustentem a destruição de nossos semelhantes.

Conclusão

O ser humano à luz do relato do dilúvio é chamado a pôr um limite na violência que parte necessariamente da desordem interna a ele. Os únicos responsáveis pela espiral de violência, que nos destrói a todos, somos nós e nossos desejos descontrolados ou desordenados, para usar a nomenclatura de Inácio de Loyola.

Deus não nos impôs condições ao fazer aliança com toda a criação, incluindo o ser humano nela, mas a nós cabe a ordenação de nosso ser e de nossa sociedade de modo a minar e destruir por dentro o círculo vicioso de violência que carrega a todos nós para o cataclismo da criação.

Enfim, nossos textos originários revelam um desejo enorme de harmonia e vida plena entre todos os seres criados, de modo que não nos parece verdadeiro ou justo ler qualquer texto bíblico sem considerar o ambiente em que o texto surgiu e quais questões buscavam responder. Os próprios textos trazem em si a chave de compreensão que não permite uma leitura fundamentalista e geradora de violência em nome da fé.

Rita Maria Gomes

Rua do Príncipe, 325 - Bloco A - Apto. 202

Boa Vista

50050-035 Recife, PE

e-mail: ritamarianj@gmail.com

Referências

BOTTÉRO, Jean & KRAMER, Samuel Noah. *Lorsque les dieux faisaient l'homme: mythologie mésopotamienne*. Paris: Gallimard, 1989 (Bibliothèque des histoires).

BRANDÃO, Jacyntho L. Transcrição comentada – Como se faz um herói: as linhas de força do poema de Gilgámesh. *e-hum*, Belo Horizonte, vol. 8, n. 1, Janeiro/Julho de 2015 – [www.http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/index](http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/index)

_____. Sîn-lēqi-unninni, Ele o abismo viu (Série de Gilgámesh 1). *Nunti Antiquus*, Belo Horizonte, v. X, n. 2, jul.-dez., p. 125-159, 2014.

_____. No princípio era a água. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 22-41, jul./dez. 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*, 2008.

ELLIGER, Karl & RUDOLPH, Wilhelm. *Bíblia Hebraica*. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1997.

FERRARI, Ilka Franco. Agressividade e violência. *Psicologia clínica*, v. 18, n. 2, 2006, p. 51.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'* do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola, 2017.

GEORGE, Andrew. *The Babylonian Gilgamesh Epic: introduction, critical edition and cuneiform texts*. Vol. I. Nova York: Oxford, 2003.

MARGUERAT, Daniel. *La Bible se raconte: initiation à l'analyse narrative*. Paris: Cerf, 1998.

POZUELO YVANCOS, José María, Retórica y narrativa: la narratio. *EPOS: Revista de Filologia*, n. 2, 1986, p. 231-252.

RAHLFS, Alfred. *Septuaginta, id est Vetus Testamentum Graece iuxta LXX Interpretes*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

SANT'AGOSTINO. *Opere di Sant'Agostino: discorsi III/2 (151-183), sul Nuovo Testamento*. Roma: Città Nuova, 1990.

SIMIAN-YOFRE, Horácio (org.). *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2011.

WÉNIN, André. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano: leitura de Gênesis 1,1–12,4*. São Paulo: Loyola, 2011.